


MAS LOBISOMEM VOCÊ JÁ VIU? AS ESTRATÉGIAS DE ANÁFORA DO OBJETO DIRETO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA VARIEDADE RURAL AFRO- BAIANA

BUT HAVE YOU EVER SEEN A WEREWOLF? THE
ANAPHORIC STRATEGIES OF THE DIRECT OBJECT: A
SOCIOLINGUISTIC ANALYSIS OF THE AFRO-
BAHIAN RURAL VARIETY

Cinara de Andrade Silva Santana 
Universidade do Estado da Bahia - UNEB



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution-NonCommercial-
NoDerivatives 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

DATAS:

- Recebido: 03/09/2024
- Aprovado: 27/12/2024
- Publicado: 27/12/2024

COMO CITAR:

SANTANA, C. de A. S. Mas
lobisOMEM você já viu? As
estratégias de anáfora do objeto
direto: Uma análise
sociolinguística da variedade rural
afro-baiana. Enlaces, Salvador,
[s.d.]. Disponível em:
<https://publicacoes.ifba.edu.br/enlaces/article/view/1181>. Acesso
em: 27 dez. 2024.

RESUMO

Este trabalho analisa as estratégias de anáfora do objeto direto na comunidade do Maracujá, correlacionando com os fatores sociais e linguístico. Este fenômeno, essencial para a diferenciação entre as variantes do idioma, tem atraído a atenção de muitos pesquisadores nos últimos anos. O objeto direto anafórico (ODA) não apenas ilustra as particularidades do português brasileiro, mas também serve como um indicador das interações sociais e das hierarquias linguísticas presentes nas comunidades de fala. Seguindo-se os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006; LABOV, 2008). Nesta primeira descrição feita com os dados levantados, foi registrada a preferência dos falantes pelo uso da categoria vazia (70%), sintagma nominal anafórico (17%) e do pronome lexical (13%). Não houve retomadas com o clítico acusativo. A análise levou em consideração o traço semântico [\pm animado] e as variáveis sociais gênero e faixa etária, constatando em que medida o sexo do informante, faixa etária e animacidade do referente pode influenciar quanto ao uso variável. A análise da distribuição das variantes categoria vazia e pronome lexical

segundo o traço semântico de animacidade revela que as escolhas pronominais no português rural afro-brasileiro são fortemente influenciadas pelo status animado do antecedente. Conectando com as pesquisas clássicas de Duarte (1986), Cyrino (1994), Figueiredo (2004). Os resultados encontrados nesta análise com os dados preliminares permitiram fazer uma descrição prévia do comportamento da comunidade do Maracujá em relação ao fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE

Objeto direto anafórico. Variação. Contato linguístico.

ABSTRACT

This paper analyzes the strategies of anaphora of the direct object in the Maracujá community, correlating them with social and linguistic factors. This phenomenon, essential for differentiating between language variants, has attracted the attention of many researchers in recent years. The anaphoric direct object (ODA) not only illustrates the particularities of Brazilian Portuguese, but also serves as an indicator of the social interactions and linguistic hierarchies present in the speech communities. Following the theoretical-methodological assumptions of variationist sociolinguistics (Weinreich; Labov; Herzog, 2006; Labov, 2008). In this first description made with the data collected, the preference of the speakers for the use of the empty category (70%), anaphoric noun phrase (17%) and the lexical pronoun (13%) was recorded, there were no resumptives with the accusative clitic. The analysis took into account the semantic trait and the social variables gender and age group, verifying to what extent the sex of the the informant, age group and animacy of the referent can influence variable use. The analysis of the distribution of the empty category and lexical pronoun variants according to the semantic trait of animacy reveals that pronominal choices in rural Afro-Brazilian Portuguese are strongly influenced by the animated status of the antecedent. Connecting with the classic research of Duarte (1986), Cyrino (1994), Figueiredo (2004). The results found in this analysis with the preliminary data allowed to make a previous description of the behavior of the Passion Fruit community in relation to the phenomenon.

KEYWORD

Anaphoric direct object. Variation. Linguistic contact.

1 INTRODUÇÃO

O Brasil, com sua vasta diversidade cultural e étnica, apresenta uma intensa variedade linguística que se reflete nas variações do português falado em diferentes regiões. A compreensão dessas variações é fundamental para a análise da identidade linguística e social dos falantes. Nesse contexto, o português brasileiro possui características específicas que o distinguem do português europeu, entre as quais destaca-se a retomada anafórica do objeto direto (ODA).

O presente estudo tem como objetivo analisar as estratégias anafóricas do objeto direto entre os falantes da comunidade do Maracujá, correlacionando-as com fatores sociolinguísticos como idade, sexo e o fator semântico. O ODA não apenas ilustra as particularidades do português brasileiro, mas também serve como um indicador das interações sociais e das hierarquias linguísticas presentes nas comunidades de fala. Essa retomada pode ser entendida como a realização ou não de um elemento pronominal que faz referência a um termo antecedente na sentença. Por exemplo, para a pergunta: *Maria, você encontrou a Ana?* As possíveis respostas no português brasileiro podem ser: (a) Eu encontrei Ana, (b) Eu encontrei ela, (c) Encontrei ou (d) Eu a encontrei.

Essas variações nas estratégias de ODA são condicionadas por fatores linguísticos e extralinguísticos diversos, especialmente considerando a variedade linguística em análise. Sendo assim, determinadas variantes podem não fazer parte do repertório de uma comunidade, devido a fatores sócio-históricos ou ao estigma associado a elas por parte dos falantes.

Nos estudos aqui revisados, a categoria vazia emerge como a estratégia mais recorrente na retomada do ODA. No entanto, as explicações para essa preferência variam conforme o dialeto analisado. Figueiredo (2004) argumenta que os falantes do dialeto rural afro-brasileiro adquiriram essa variante por meio do intenso contato linguístico e do contexto de multilinguismo, principalmente

entre o português e as línguas africanas, durante os três primeiros séculos de colonização do Brasil.

Luz (2009), ao analisar duas variedades popular e a culta, na cidade de Salvador, sugere que na variedade culta, a categoria vazia é preferida como uma forma de esquiva, evitando-se a variante padrão por ser considerada pedante. Duarte (1986) analisou a variedade urbana paulista em diferentes contextos, a qual sustenta que a categoria vazia já está implementada no sistema linguístico e é reproduzida inclusive em contextos formais, como em revistas, jornais, literatura e traduções, demonstrando que o português brasileiro se distingue das línguas aparentadas. Por sua vez, Cyrino (1994), em um estudo diacrônico com ênfase no objeto nulo¹, detalha as mudanças que moldaram as estratégias contemporâneas de ODA, indicando que essas transformações se intensificaram a partir do século XIX.

Este estudo, baseando-se na Sociolinguística Variacionista, conforme os pressupostos de Labov (2008 [1972]), se apoia em pesquisas como as de Duarte (1986; 2003), Cyrino (1997), Figueiredo (2004) e Luz (2009). Esses trabalhos indicam que o português falado no Brasil utiliza quatro principais estratégias de retomada anafórica do objeto direto: pronomes lexicais (PL), sintagmas nominais anafóricos (SN), categorias vazias (CV) e, menos frequente, o clítico acusativo de terceira pessoa. A literatura sugere que as formas clíticas estão em declínio no português popular brasileiro, restritas a contextos de monitoramento da fala entre falantes escolarizados.

Os exemplos a seguir ilustram essas estratégias:

Pronome lexical

DOC.: "E quando é que *o milho* tá bom pra colher?"

¹ Neste trabalho nos referimos ao objeto nulo como: categoria vazia.

INF.: "O milho... nós vamo colhê [ele]... partir de agosto ou setembro, outubro... essa data aí que nós tamo colhendo o milho... quebrando, depois de seco, botá Ø dentro de casa pra bater. Ø porque na mão não tem condições de debulhar muito milho não." (M.01.p.6)

Sintagma nominal

DOC.: É...cebola e tomate.

INF.: Tomate nós não temo [tomate] e não. (M.01.p.5)

Categoria vazia

DOC.: Ah! Sim. E... *o feijão de corda* o que é que cês fazem?

INF.: Faz...

DOC.: Sim.

INF.: Rapaz... o feijão de corda... a gente... vende [Ø] maduro pra debulhar botá [Ø] no fogo... quando tá seco a gente vende... que tem umas mulheres que gostam de fazer acarajé... (M.01.p.11)

[...] *ela* tirou dez, por isso que eu estou dizendo, e quem veio, vem, veio argui-[la] foi uma arquiteta da USP de São Paulo. (NURC; Inq.013/R,1.395,396; M4s)

Este trabalho, a fim de cumprir o seu objetivo, adota a transmissão linguística irregular como hipótese para o encaixamento das duas variantes, categoria vazia e pronome lexical. Nesse raciocínio, os clíticos acusativos de terceira pessoa, elementos mais gramaticalizados, foram eliminados e a categoria vazia teria ganhado forças em diversos contextos linguísticos ainda na primeira fase da transmissão linguística. Com relação ao pronome lexical, postulamos que foi introduzido numa fase seguinte por uma necessidade de reintrodução do elemento gramaticalizado, como o clítico não fazia parte do *input* na nova geração,

o pronome lexical passa então a exercer a função acusativa em contextos linguísticos específicos.

Para possível confirmação das hipóteses levantadas, foram analisadas 12 entrevistas com moradores da comunidade do Maracujá. Essa comunidade é composta em sua totalidade por afrodescendentes e recebeu a identificação de quilombola em 04 de junho de 2014 pela Fundação Palmares. Tendo-se mantida em condição de semi-isolamento até o período da coleta dos dados, é possível que os efeitos do contato linguístico sejam acentuados nessa comunidade.

O processo metodológico seguiu as seguintes etapas: (i) levantamento sócio-histórico da comunidade, no qual realizamos uma pesquisa bibliográfica abrangente, incluindo trabalhos acadêmicos e documentação histórica local, para compreender a formação, crenças e costumes da comunidade estudada; (ii) seguiu-se então o levantamento de todas as ocorrências de retomada anafórica do objeto direto identificadas e catalogadas de forma detalhada e minuciosa; (iii) em seguida, houve a classificação e codificação dos dados levantados, as variantes identificadas foram classificadas e codificadas para análise, garantindo a correta atribuição e comparabilidade das variáveis; (iv) os resultados foram interpretados à luz dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista e dos estudos prévios, buscando identificar padrões de uso e os fatores que influenciam a escolha das variantes.

Consideramos que a relevância desta investigação seja por abordar um fenômeno ainda não explorado na comunidade estudada, contribuindo para a descrição detalhada da variedade afro-brasileira rural do português em contextos reais de comunicação. Além disso, ao fornecer evidências empíricas, este estudo enriquece o rol de pesquisas na área da Sociolinguística Variacionista no Brasil, especialmente em relação à variedade rural. Outrossim, os resultados obtidos podem servir como base para futuras pesquisas e oferecer *insights* valiosos para a compreensão da dinâmica linguística em comunidades específicas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TÉORICA

2.1 A TEORIA VARIACIONISTA

O termo sociolinguística foi efetivado em 1964 em um congresso na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), organizado por William Bright, onde estiveram presentes 15 estudiosos, dentre esses: William Labov, Dell Hymes, John Gumperz, John Fisher, Charles Ferguson e Einar Haugen. Esses estudiosos já defendiam em seus textos a relação entre linguagem e sociedade. Os trabalhos apresentados foram publicados em 1966 com o título “Sociolinguistics”, inaugurando essa subárea da linguística, no qual Bright, no capítulo introdutório - as dimensões da sociolinguística, estabeleceu a diversidade linguística como objeto de estudo da sociolinguística (Bright, 1966, p. 18). Além disso, o referido autor faz o levantamento de fatores socialmente definidos com os quais, supostamente, a diversidade linguística esteja relacionada, três desses fatores contam com uma maior diversidade: as dimensões do emissor, receptor e contexto. A propósito da sociolinguística, Cezario; Votre (2008) define:

A sociolinguística parte do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística. Sendo assim, o sociolinguista se interessa por todas as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua. Um de seus objetivos é entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável. O estudo procura verificar o grau de estabilidade de um fenômeno, se está em seu início ou se completou uma trajetória que aponta para mudança. Em outras palavras, a variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos (também conhecidos como fatores estruturais) e por fatores extralinguísticos de vários tipos [...]. A variação ilustra o caráter adaptativo da língua como código de comunicação e, portanto, a variação não é assistemática. O linguista, ao estudar os diversos domínios da variação, deve demonstrar como ela se configura na comunidade de fala, bem como quais são os contextos linguísticos

e extralinguísticos que a favorecem ou que a inibem. (Cezario; Votre, 2008, p.141).

Os autores supracitados reforçam nesse fragmento que a língua é heterogênea e ordenada, por isso não pode ser tratada como um produto pronto, mas como algo que está em constante mudança em função dos contextos dinâmicos de comunicação. Por isso, diferentes comunidades, ao falar a mesma língua, o fazem com certas peculiaridades que as caracterizam como um grupo. Esse é um dos princípios fundamentais da Sociolinguística, proposto por Weinreich, Labov e Herzog.

Um outro princípio abordado está relacionado a comunidade de fala como *locus* do estudo e não o indivíduo. Diante disso, a pesquisa sociolinguística busca analisar a estrutura e a evolução da língua na comunidade de fala, dentro da qual ocorre a variação, motivo pelo qual toda língua é heterogênea. Segundo Labov, “[...] uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é melhor definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (Labov, 2008, p. 188).

Coadunando nesse mesmo pensamento, Camacho (2008) esclarece que dificilmente dois falantes de uma mesma língua ou variedade dialetal se expressarão exatamente do mesmo modo, assim como um único falante, em duas diferentes circunstâncias de comunicação, raramente se expressa da mesma maneira. Dois princípios se encaixam nessa afirmação: Não existe falante de estilo único e a competência linguística do falante comporta a heterogeneidade da língua. Sendo assim, o que a Sociolinguística faz é correlacionar as variações existentes na expressão verbal a diferenças de natureza social, compreendendo cada domínio como sendo fenômenos estruturados e regulares, entendendo que a variação não acontece de forma aleatória, mas que ela é condicionada por fatores externos e internos a língua, sendo uma consequência inerente aos sistemas linguísticos.

É importante ressaltar que a Sociolinguística não se consolida apenas como uma teoria linguística, mas também estabelece um método próprio de análise. Com a ajuda de um programa computacional, essa abordagem busca compreender a sistematicidade da variação linguística, seu contexto linguístico e social, além de uma possível relação com a mudança linguística, por meio de análises quantitativas de um *corpus* selecionado com base em características sociais correlacionadas a uma variável linguística específica — que pode ser fonético-fonológica, morfossintática, entre outras.

Esse método permite a sistematização dos dados linguísticos com técnicas analíticas e o tratamento matemático desses dados, por isso é chamado também de sociolinguística quantitativa. Segundo Tarallo (2007, p.10 e 11), tal sistematização consiste primordialmente em:

- 1) Um levantamento exaustivo de dados de língua falada, para fins de análise, dados esses que reflete fielmente o vernáculo da comunidade;
- 2) Descrição detalhada da variável, acompanhada de um perfil completo das variantes, que a constituem;
- 3) Análise dos possíveis fatores condicionadores (linguísticos e não linguísticos) que favorecem o uso de uma variante sobre a (s) outra (s);
- 4) Encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade: em que nível linguístico e social da comunidade a variável pode ser colocada;
- 5) Projeção histórica da variável no sistema linguístico da comunidade. A variação não implica necessariamente mudança. Já a mudança pressupõe a evidência do estado de variação anterior, com resolução de morte para uma das variantes.

Nesse aspecto, os resultados propiciarão a formulação de regras gramaticais variáveis, pois o favorecimento de uma variante e não de outra decorre de circunstâncias internas (semântica, morfológica, sintática etc.) e circunstâncias externas (escolaridade, idade, contexto situacional etc.) apropriadas à aplicação de uma regra específica.

Portanto, o modelo teórico-metodológico da sociolinguística variacionista, proposto por Weinreich, Labov e Herzog (2006), marca uma revolução no estudo da linguagem ao introduzir a perspectiva de que a variação linguística é sistemática e regular, e não aleatória ou caótica. William Labov, como o principal precursor deste modelo, estabeleceu os alicerces para a análise empírica de dados sociolinguísticos por meio de seus estudos inovadores em Nova York e Martha's Vineyard. Sua abordagem envolvia a observação direta do uso da língua em contextos naturais, a coleta sistemática de dados e a análise estatística para identificar padrões de variação e mudança linguística, definido por Cezario; Votre da seguinte forma:

Possui uma metodologia bem delimitada que fornece ao pesquisador ferramentas para estabelecer variáveis, para coleta e codificação dos dados, bem como instrumentos computacionais para definir e analisar o fenômeno variável que se quer estudar. A abordagem variacionista baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação do dia a dia. Procura demonstrar como uma variante se implementa na língua ou desaparece (Cezario; Votre, 2008, p.141 e142).

Para ilustrar essa sistematicidade na variação linguística, pode-se considerar o estudo clássico de Labov, que demonstrou como as variações na pronúncia do /r/ em palavras como *car* e *floor* estavam associadas ao status social dos falantes. Labov conduziu uma investigação em lojas de diferentes níveis socioeconômicos (Saks Fifth Avenue, Macy's e S. Klein), perguntando aos vendedores onde poderiam encontrar certos itens. Quando os vendedores

respondiam, Labov analisava a pronúncia do /r/ nas respostas, observando que os vendedores da loja mais prestigiada (Saks Fifth Avenue) tendiam a pronunciar o /r/ de forma mais consistente, enquanto aqueles das lojas de nível socioeconômico mais baixo (S. Klein) omitiam o /r/ com mais frequência.

Esse estudo mostrou como uma simples variação na pronúncia pode refletir a identidade social dos falantes e como diferentes variantes linguísticas podem ser utilizadas conscientemente ou inconscientemente para sinalizar a posição social dos indivíduos dentro de uma comunidade. Esse tipo de análise é fundamental para entender a proposta de Labov, que argumenta que a variação linguística não é aleatória, mas sistemática e relacionada a fatores sociais como classe, idade, e contexto formal ou informal de fala.

Para Alkmim (2008), o modelo se tornou mais conhecido a partir dos estudos de William Labov que em 1963 publicou seu estudo sobre a comunidade da ilha de Martha's Vineyard, situada na costa de Massachusetts, no qual destaca o papel crucial dos fatores sociais na explicação da variação linguística. Nesse trabalho, Labov correlaciona fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitudes com o comportamento linguístico dos falantes da ilha. Em 1964, após concluir sua pesquisa sobre a estratificação social do inglês em Nova York, Labov propôs um modelo para descrever e interpretar fenômenos linguísticos dentro do contexto social de comunidades urbanas. Esse modelo, conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação, tornou-se de suma importância para a linguística contemporânea, servindo de base a diversos estudos sociolinguísticos.

Os estudos pioneiros de William Labov também exerceram uma profunda influência na sociolinguística brasileira, especialmente nas pesquisas iniciadas por Anthony Naro e sua equipe. Naro, ao lado de outros linguistas, aplicou os princípios da sociolinguística variacionista no contexto do português brasileiro, contribuindo para o desenvolvimento de um quadro teórico robusto para o

estudo da variação linguística no Brasil. A partir dos anos 1970, suas pesquisas focaram em fenômenos como a concordância verbal e a marcação do plural, demonstrando como as variações linguísticas no português brasileiro estão igualmente condicionadas por fatores sociais, como classe, escolaridade e região. Assim, as pesquisas brasileiras guiadas por Naro e outros linguistas foram essenciais para adaptar e expandir o modelo de Labov para o contexto de uma língua de origem latina em um país de grande diversidade sociocultural. Esse diálogo entre as tradições de pesquisa americana e brasileira evidencia a continuidade e a relevância do método variacionista na compreensão das dinâmicas linguísticas em diferentes comunidades.

Outrossim, Labov contribuiu significativamente para o entendimento do significado social das formas variantes, demonstrando como fatores sociais, como classe, gênero e idade, influenciam o uso de diferentes formas linguísticas. Essa abordagem metodológica tornou-se fundamental para a sociolinguística moderna, permitindo uma compreensão mais profunda de como a língua evolui em resposta às mudanças sociais.

Além de mostrar que as formas variantes na linguagem possuem significados sociais que transcendem suas funções comunicativas, considerando que esses significados estão frequentemente relacionados à identidade do falante, incluindo sua origem regional ou étnica, classe social, ou mesmo a intenção de projetar uma imagem específica. A sociolinguística busca evidenciar que toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, objetivando combater o estigma social atribuído a algumas variantes por parte dos falantes. Coelho (2018, p. 65) ressalta que “a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação, bem como uma possível maneira de marcar diferenças sociais no seio de uma comunidade”. Muitas vezes, essa identificação está impregnada de julgamentos sociais.

Sendo assim, o conjunto de variedades linguísticas presente em uma comunidade de fala não existe isoladamente, mas está intrinsecamente ligado às funções sociopolíticas exercidas por seus membros. Assim, todas as comunidades apresentam variedades consideradas superiores e outras, inferiores. Essa valoração reflete o poder e o prestígio dos falantes nas relações econômicas e sociais, frequentemente relacionada à identidade social dos falantes e disposta de maneira hierárquica.

Nesse contexto, o uso de certos sotaques ou dialetos pode indicar pertencimento a um grupo específico, como uma classe social, uma comunidade étnica ou uma região geográfica. Algumas formas linguísticas são associadas ao prestígio, enquanto outras podem ser estigmatizadas, frequentemente devido a atitudes sociais e políticas linguísticas que privilegiam certas formas de falar. Por exemplo, em muitos contextos, o uso de um sotaque considerado padrão é valorizado e associado a qualidades como educação e competência, enquanto sotaques regionais ou étnicos podem ser estigmatizados.

Por outro lado, os falantes podem optar por usar certas variantes linguísticas para expressar sua identidade ou afiliação a um grupo social específico. O uso de expressões do universo LGBT, por exemplo, pode sinalizar orgulho pela orientação sexual ou solidariedade com essa comunidade. O estudo clássico de Labov, que já foi citado aqui, sobre a pronúncia do fonema /r/ em Nova York ilustra essa dinâmica, mostrando que a presença ou ausência desse som em certas palavras correlaciona-se com a classe social dos falantes, onde os de classes mais altas tendiam a pronunciar o /r/, enquanto aqueles de classes mais baixas frequentemente o omitiam.

A análise das formas variantes e seus significados sociais nos permite compreender melhor como a linguagem atua não apenas como meio de comunicação, mas também como símbolo de identidade, status e poder. Os estudos de William Labov e os conceitos fundamentais da sociolinguística

oferecem ferramentas essenciais para explorar essas dinâmicas e entender o papel central que a linguagem desempenha na vida social.

2.2 ESTRATÉGIAS ANAFÓRICAS DO OBJETO DIRETO: A PERSPECTIVA NORMATIVA E AS CONCLUSÕES DE ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS

Do ponto de vista normativo, as estratégias de retomada do objeto são regidas por convenções estabelecidas pelas gramáticas normativas da língua, as quais têm como finalidade estabelecer as regras que permeiam a língua e conduzir o comportamento linguístico dos falantes. Essas convenções estabelecem que apenas o pronome clítico acusativo /o / -e suas flexões- está licenciado a fazer a retomada de um objeto direto anafórico. Além disso, outras estratégias normativas podem envolver o uso de sinônimos ou expressões de substituição para evitar repetições excessivas do mesmo termo. Observemos o posicionamento de Cunha e Cintra (2001):

Na fala vulgar e familiar do Brasil é muito frequente o uso do pronome ele(s) ela(s) como objeto direto em frases do tipo: Vi ele/Encontrei ela. Embora essa construção tenha raízes antigas no idioma, pois se documentam em escritores portugueses dos séculos XIII e XIV, deve ser hoje evitada. (Cunha e Cintra 2001, p.289).

Posicionamentos como os de Cunha e Cintra têm sido categóricos nas gramáticas normativas, elucidando o olhar de gramáticos que levam em consideração a presença de apenas uma norma linguística – a padrão. No texto citado, embora os autores admitam que o uso do pronome pleno (ele) na retomada do objeto direto é frequente no dialeto brasileiro, consideram o pronome clítico mais adequado e correto para a situação. Partido então desse

pressuposto, as variantes não padrão não poderiam ocupar a função de objeto direto em cadeia anafórica.

Rocha Lima (2011), imbuído nesse mesmo pensamento, esclarece que os pronomes pessoais representam as pessoas do discurso e são classificados de acordo com a função sintática que exercem: são retos os que exercem a função de sujeito da oração e oblíquos os que exercem a função de complemento dos verbos. Ao esclarecer sobre o objeto direto, o gramático pontua que uma das suas características é se manifestar na terceira pessoa preenchido pelo clítico: “Objeto direto é o complemento que, na voz ativa, representa o sujeito paciente da ação verbal. Identifica-se facilmente: a) porque pode ser o sujeito da voz passiva; b) porque corresponde na 3ª pessoa às formas pronominais átonas: o, a, os, as” (Rocha Lima, 2011, p. 243).

Embora as gramáticas normativas (Rocha Lima, 2011; Bechara, 2004, Cunha; Cintra, 2001) prescrevam os pronomes do caso oblíquo (o, a, os, as) como as formas possíveis para ocuparem a função de objeto direto, os brasileiros têm dado preferência a outras estratégias linguísticas. Estudos como os de Duarte (1989), Figueiredo (2004 e 2009), Luz (2009) têm revelado que o pronome clítico está em desuso no (PB). Em detrimento da queda dos clíticos entra em cena outras duas estratégias: categoria vazia (CV) e pronome lexical (PL).

Duarte (1989) constata em suas análises quatro estratégias de retomada do ODA assim distribuídas: das 1973 ocorrências, clíticos 4,9%; pronome lexical 15,4%; Categoria Vazia 62,6 % SN anafóricos 17,1%. A autora analisa os fatores linguístico (morfologia do verbo, traço semântico, estrutura sintática etc.) e extralinguísticos (faixa etária dos informantes, contexto estilístico) que influenciaram na escolha das variantes.

A conclusão da pesquisadora é a de que o clítico está em desuso, chama a atenção para a ausência total do clítico na fala dos mais jovens, enquanto nas demais faixas o uso dessa estratégia está condicionado a escolaridade. O uso do

pronome Lexical é mais frequente na fala dos mais jovens e vai se tornando menos frequente à medida que avança a escolaridade. Para Duarte,

Diante dessa fotografia da variável de objeto direto anafórico o que se constata é que suas formas variantes estão social e linguisticamente condicionadas e desempenham importante papel na caracterização do estilo, sendo o uso da variante padrão, quase extinto na fala, resultado da aprendizagem formal. Duarte (1989, p.32)

Para Figueiredo (2004), o contexto de multilinguíssimo existente foi preponderante às variantes não padrão: pronome pleno e categoria vazia, que foram implementadas no português brasileiro durante o período colonial por meio do multilinguíssimo e do contato linguístico. Para verificar a interferência do multilinguíssimo na realização das estratégias de retomada do ODA do português rural afro-brasileiro, a pesquisadora toma como corpus a categoria vazia é a estratégia mais difundida na realização do ODA com 62,6% das ocorrências. Dentre os fatores linguísticos considerados, o traço semântico (\pm animado) do objeto, mostrou-se extremamente importante na escolha da variante candidata a representação do objeto anafórico.

3 METODOLOGIA

Este trabalho segue o princípio metodológico Laboviano para investigação linguística, no qual se observa, de forma direta, a língua falada em situações reais de interação (Labov, 2008). Para a análise das estratégias de retomada anafórica do objeto direto na fala dos moradores da comunidade do Maracujá, utilizamos dados empíricos integrantes de entrevistas cedidas pelos moradores. Essas entrevistas foram realizadas pela professora Lucia Parcero para elaboração da sua tese de doutorado na UNICAP, defendida em 2007.

Para o presente trabalho, selecionamos 12 inquiridos de um total de 24 que compõem o banco de dados mencionado, o qual foi constituído considerando as seguintes categorias sociais: sexo (feminino e masculino); e faixa etária FI, 20 a 39 anos – FII, 40 a 60 anos e FIII; acima de 60 anos em diante.

Tabela 1: Perfil dos informantes selecionados para a análise

Entrevista nº	Informantes	Sexo	Faixa etária
24	VMR	F	FI
21	AJS	M	FI
23	ALJ	F	FI
20	ACS	M	FI
6	ODT	F	FII
10	ALS	M	FII
17	CLR	F	FII
4	TBS	M	FII
12	ARL	F	FIII
3	MJS	M	FIII
11	EDT	F	FIII
8	SPS	M	FIII

Fonte: Elaboração própria.

Nosso primeiro trabalho foi ler as entrevistas transcritas e assinalar todas as retomadas anafóricas de objeto. Em seguida, realizou-se a codificação de todas as sentenças levantadas sinalizando as variantes, ao mesmo tempo, identificamos os sintagmas nominais (SNs) antecedentes e os classificamos de acordo com a variável independente linguística (fator semântico) e a variável independente social (gênero/sexo do informante). Os dados foram analisados, para saber qual seria o uso das variantes em estudo em cada grupo. Consideramos as retomadas anafóricas de 3ª pessoa do singular e do plural, sendo realizadas em covariação por pronome lexical ou categoria vazia, pois são essas que apresentam especificidades características do PB. Todos os dados foram sistematizados em uma tabela a fim de verificar o comportamento de cada fator nas retomadas que envolvem o pronome lexical e a categoria vazia.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A realização anafórica do objeto direto tem sido interesse de diversos estudiosos em diferentes línguas. No português brasileiro, esse fenômeno já foi pauta de investigação de muitos linguistas com diferentes abordagens teóricas, atestando que, embora as gramáticas normativas se empenhem em defender o clítico acusativo como um elemento licenciado para retomar um Sn em posição de objeto direto, os falantes se comportam de forma diversificada e têm se apropriado de quatro estratégias diferentes em sua iteração comunicativa: o clítico acusativo; SN anafórico; categoria vazia e o pronome lexical.

Essas variações de estratégias, conforme apontam os estudos, são condicionadas por fatores linguísticos e extralinguísticos diversos, levando em consideração sobretudo a variedade em análise, pois é possível que uma determinada variante não faça parte do repertório linguístico de uma comunidade pelos fatores sócio-históricos envolvidos nela ou pelo estigma sofrido por parte dos falantes.

Levantamos como hipótese desse trabalho que a realização do objeto direto anafórico utilizada pelos falantes do maracujá é um reflexo da transmissão linguística irregular mais ou menos intenso, no qual os seus efeitos se conservam com mais nitidez.

No contexto da comunidade rural afro-brasileira analisada, a ausência do clítico acusativo como estratégia de retomada anafórica é vista como um reflexo dessa transmissão linguística irregular. As condições sócio-históricas de isolamento linguístico e as limitações no acesso a uma norma linguística mais ampla e padronizada contribuíram para a eliminação dessa forma gramatical específica, resultando em um sistema mais simplificado, onde predominam estratégias menos marcadas, como a categoria vazia, a repetição do sintagma nominal e o uso de pronomes lexicais.

Em relação as estratégias de realização do objeto direto anafórico, no estudo aqui desenvolvido, o levantamento dos dados na amostra de fala da comunidade do Maracujá apenas três estratégias são recorrentes. As variantes que compõem a variável dependente foram:

CATEGORIA VAZIA

- 1) (TFS) ... diz ele que num tem sorte com batata quando pranta [Ø] apurdece.

PRONOME LEXICAL

- 2) (EDT) E a mulé dele ficou aí, minha vó ajudando [ela].

SINTAGMA NOMINAL

- 3) (EDT) DOC: Você já viu lobisomem, não é?

INF: É, já.

DOC: Já? Onde foi que você viu alma? Aqui?

INF: Eu já vi [arma] lá na casa do finado João Lopes tombém.

A tabela 2 traz a demonstração da distribuição da ocorrência dessa variantes.

Tabela 2: Distribuição das ocorrências por variantes

Variantes	CV	SN	PL	CL	Total
Ocorrências	213	52	40	-	305
%	70	17	13	-	100

Fonte: Elaboração própria

Após a primeira rodada estatística envolvendo as ocorrências de retomadas do objeto direto anafórico apresentada na tabela 2, foram encontradas um total de 305 ocorrências, classificadas nas variantes Categoria Vazia (213), SN repetido (52) e Pronome lexical (40), não foi encontrado nenhuma ocorrência com o

pronome clítico. A ausência dessa variante confirma a hipótese que levantamos, sendo a ausência do clítico acusativo um efeito da transmissão linguística irregular mais intenso. Sendo assim, a categoria vazia passa a ser a estratégia mais utilizada em substituição ao elemento gramatical perdido.

Os resultados desta pesquisa se assemelham aos de Figueiredo (2004) que, tomando para análise a fala de 4 comunidades rurais afro-brasileiras isoladas, levantou 1755 ocorrências de retomadas do objeto direto anafórico e foram distribuídas nos seguintes percentuais:

Tabela 3: Distribuição das variantes em Figueiredo

Variantes	CV	SN	PL	Total
Ocorrências	1267	275	213	1755
%	72	16	12	100

Fonte: adaptado de Figueiredo (2004, p.110)

Ao se comparar os resultados das tabelas 2 e 3 é nítido as semelhanças que podem ser aqui justificadas por essas comunidades compartilharem fatos sócio-históricos afins: são compostas por afrodescendentes, mantiveram-se em relativo isolamento, preservando alguns hábitos linguísticos, tiveram origem em antigos quilombos ou foram formadas após a libertação dos escravos, em terras que lhes foram doadas ou que tomaram posse. É nesse universo, segundo Lucchesi (2009), que o contato linguístico teve uma maior abrangência sobre o português brasileiro.

4.1 GÊNERO/ SEXO

A variável gênero tem sido um fator importante na questão da mudança linguística. No corpus aqui analisado a categoria vazia é a variante mais utilizada pelos dois sexos. Na variante pronome lexical, percebemos que os homens a

utilizam com maior frequência (17,5%) e as mulheres utilizaram menos (9%), enquanto houve um maior uso das mulheres em relação ao Sn (19%) e menor para os homens (15,5%). Portanto, quanto a distribuição considerando o gênero poderíamos resumir da seguinte forma. A categoria vazia é a primeira opção para ambos os sexos, ao passo que para as mulheres, o SN está em segundo lugar e o pronome lexical em terceiro, já para os homens, o pronome lexical é o segundo mais utilizado e o SN a terceira estratégia. Sendo assim, podemos observar um comportamento diferente entre homens e mulheres em relação a variante pronome lexical. A tabela 4 mostra as variantes distribuídas considerando essa variável.

Tabela 4: Distribuição segundo o sexo do informante

Sexo/gênero	Cv	SN	PL	Total
Feminino	108 72%	28 19%	13 9%	149
Masculino	105 67%	24 15,5%	27 17,5%	156
total	213 70%	52 17%	40 13%	305

Fonte: Elaboração própria.

4.2 FAIXA ETÁRIA

Quanto à distribuição das variantes, considerando a faixa etária, a faixa I favoreceu o uso do pronome lexical (18,1%) enquanto o SN anafórico é favorecido pela faixa II (18,2%). A categoria vazia possui um maior número de ocorrências entre os mais velhos, mas continua na liderança em todas as faixas etárias. A nossa hipótese de que a aquisição do PL seria posterior, sendo, portanto, mais inovadora no PB afro-brasileiro do que a categoria vazia foi confirmada, tendo em vista a sua distribuição por faixa etária, critério que, de acordo com a Sociolinguística Variacionista, permite reconstruir a dimensão temporal a partir de

dados sincrônicos. Dessa forma, é possível prever se um fenômeno linguístico está em variação estável ou em processo de mudança e até a direção da mudança.

Tabela 5: Distribuição de retomadas por faixa etária.

Faixa	CV	SN	PL	Total
I (20-40)	62 65,3%	16 16,6%	17 18,1%	95
II (41-60)	78 70,9%	20 18,2%	12 10,9%	110
III acima de 60)	73 73%	16 16%	11 11%	100
Total	213	52	40	305

Fonte: Elaboração própria.

Ao analisarmos a tabela de forma vertical, nos chamou a atenção o comportamento do pronome lexical que tem o seu uso intensificado à medida que a faixa etária vai diminuindo, ou seja os mais novos tendem a utilizar essa variante com mais frequência, podendo ser uma evidência de uma extensão no uso dessa concorrente no futuro.

Considerando que o foco da pesquisa são as variantes que diferenciam o PB do PE, mostraremos, a partir de agora, os resultados que dizem respeito ao traço semântico dos antecedentes referentes ao ODA, tomando apenas duas variantes: Categoria vazia e pronome lexical.

4.3 ANIMACIDADE DO ANTECEDENTE

As pesquisas realizadas anteriormente sobre esse tema, apontam que o traço [±animado] do referente é o principal condicionante interno para as escolhas entre Categoria Vazia (CV) e Pronome Lexical (PL). No que concerne ao condicionamento semântico, Duarte (1986), identificou que a categoria vazia é fortemente favorecida nos casos de antecedente [-animado], independentemente da estrutura sintática da frase; já o pronome pleno é favorecido por antecedentes [+animados], principalmente em estruturas complexas em que o objeto é seguido

por predicativo ou oração. Dessa forma, o pronome lexical seria fortemente condicionado quando o referente fosse [+animado], do contrário, o objeto nulo é fortemente favorecido quando o referente é [-animado]. Sob essa ótica, atentemos aos exemplos encontrados a partir do corpus analisado nesta pesquisa:

+animado	35
- animado	218
total	253

Para antecedentes [+animados], observou-se uma preferência pelo Pronome Lexical (82,9%):

e) [+ a]

E a mulé dele ficou aí, minha vó ajudando [ela].

Para antecedentes [-animados], a Categoria Vazia se destaca (89,9%).

f) [- a]

O povo fazia aquela meada de fumo. Agora quando que o fumo tava maduro eles cortava [Ø].

Tabela 6: Distribuição das variantes CV e PL segundo o traço semântico do antecedente do ODA

Animacidade	CV	PL	total
[+a]	6 17,1%	29 82,9%	35
[-a]	196 89,9%	22 10,1%	218
Total	202	51	253

Fonte: Elaboração própria.

A leitura vertical da tabela nos possibilita associar o traço semântico [+animado] ao favorecimento do pronome lexical com (82,9) das ocorrências e a inibição da categoria vazia com (6%). Por outro lado, quando o antecedente exhibe

o traço [-animado] a categoria vazia ganha força, alcançando (89,9). A forte ocorrência de categorias vazias sugere que objetos [-animados] podem ser referenciados de maneira mais econômica, enfatizando a fluidez do discurso e a redução da necessidade de especificação. Essa diferença destaca a importância do contexto semântico na definição da escolha pronominal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados encontrados nesta análise, com dados preliminares, permitiram fazer uma descrição prévia do comportamento dos falantes em relação ao fenômeno objeto direto anafórico. Para uma melhor caracterização do uso do objeto direto anafórico, além da ampliação do número de entrevistas, também serão levados em consideração fatores linguísticos morfológicos, sintáticos e semânticos e os aspectos da formação sócio-histórica da comunidade que é o foco da pesquisa. Faz-se importante atentar às relações sociais em que os informantes estão imersos, visto que isso pode contribuir para a apropriação de um uso em relação ao fenômeno analisado.

A predominância da categoria vazia entre ambos os sexos sugere uma base comum na comunicação, mas as variações nas preferências pelo pronome lexical e pelo sintagma nominal indicam que fatores sociais e culturais podem moldar a forma como homens e mulheres se expressam. Essa análise não apenas enriquece a compreensão da mudança linguística, mas também ressalta a importância de considerar o gênero como uma variável significativa na pesquisa linguística.

A pesquisa não apenas confirma a hipótese inicial sobre a aquisição das variantes linguísticas, mas também destaca a importância de se observar a variação linguística sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista. A evidência de que os mais jovens estão adotando o pronome lexical com maior frequência

sugere que estamos diante de um fenômeno de mudança linguística que pode redefinir as práticas de uso do português afro-brasileiro. Essa mudança não é apenas uma questão de preferência individual, mas reflete um processo social mais amplo que pode influenciar a forma como a língua evolui ao longo do tempo. Portanto, a análise das variantes linguísticas em relação à faixa etária não apenas enriquece nosso entendimento sobre a variação no português, mas também nos convida a refletir sobre as implicações sociais e culturais dessa evolução.

A análise da distribuição das variantes CV e PL segundo o traço semântico de animacidade revela que as escolhas pronominais no português rural afro-brasileiro são fortemente influenciadas pelo status animado do antecedente. Conectando com as pesquisas clássicas de Duarte (1986), Cyrino (1994), Figueiredo (2004) e outras investigações mais recentes, fica evidente que o traço semântico tem um papel central em uma variedade de fenômenos linguísticos, corroborando a necessidade de uma análise mais aprofundada sobre como a animacidade molda as estruturas do português.

Essas considerações oferecem uma base sólida para futuras pesquisas e aprofundamento na área, sugerindo que a animacidade não só influencia a estrutura pronominal, mas se relaciona intimamente com a expressão linguística em contextos amplos. Esses achados não apenas corroboram estudos anteriores, mas também revelam a intersecção dos traços semânticos com outras áreas da gramática.

As estratégias do objeto direto anafórico podem variar entre diferentes dialetos do português. Essa dinâmica entre variantes abre espaço para investigações sobre como essas escolhas refletem a cultura, as práticas sociais e a comunicação em diferentes contextos.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2008. Cap. 1, p. 21-47.
- BRIGHT, W. As dimensões da Sociolinguística. In: FONSECA, M. S. V da; NEVES, M. F. (Org.). Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- BECHARA, E. Moderna gramática portuguesa. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- CAMACHO, R. G. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2008. Cap. 2, p. 49-74.
- CAMACHO, R. G. Compromisso teórico com a natureza inerentemente social da linguagem. In: CAMACHO, R. G. Da linguística formal à linguística social. São Paulo: Parábola, 2013. p. 25-36.
- CEDRAZ, A. C. do C. Ancestralidade, memórias e sociabilidades na comunidade quilombola do Maracujá, Conceição do Coité – Ba (1870 – 1950) / Ana Cláudia do Carmo Cedraz. – Salvador, 2021.
- CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. Manual de linguística. São Paulo: Contexto, 2008. p. 141-155.
- CYRINO, S. M. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.). Português brasileiro: uma viagem diacrônica. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.
- CYRINO, S. M. O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico. 1997. Tese (Doutorado) – UNICAMP, Campinas, 1994. [Publicada em 1997 pela Ed. da Universidade Estadual de Londrina].
- COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; NUNES DESOUSA, C. M.; MAY, G. H. Para conhecer sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2018.
- CUNHA, C. F. da; CINTRA, L. F. L. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Lexikon, 1985.

DUARTE, M. E. L. Variação e Sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. Dissertação de mestrado. São Paulo, 1986.

FIGUEIREDO, M. C. V. de. O objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal da Bahia, Salvador.

FIGUEIREDO, C. O objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro. Estudos Linguísticos e Literários, salvador, n.33/34, 2006. p. 35-48.

LABOV, W. Padrões sociolinguísticos. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LUCCHESI, D.; BAXTER, A. N.; RIBEIRO, I. (Org.). O português afro-brasileiro. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUCCHESI, D. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, A. N.; RIBEIRO, I. (Org.). O português afro-brasileiro. Salvador: EDUFBA, 2009. P. 41-71.

PARCERO, L. M. de J. Fazenda Maracujá. 2007. 192 f. Tese (Doutorado), Instituto de Letras, Universidade de Campinas.

ROCHA LIMA, C. H. da. Gramática normativa da língua portuguesa. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011 [1957].

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

TARALLO, F. A pesquisa sociolinguística. ;8. ed. São Paulo: Ática, 2007.